

# JORNAL DO RECIFE

REVISTA SEMANAL.

SCIENCIAS — LETTRAS — ARTES

Assina-se na Livraria Academica, rua do Imperador n.º 79, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.  
A redacção aceita com reconhecimento qualquer trabalho que lhe ofereçam.  
Os manuscritos não publicados serão restituídos.

PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO  
DE  
**José de Vasconcellos**  
SEU PROPRIETARIO E PRINCIPAL REDATOR.

Tanto para esta cidade como para qualquer ponto da provinça do Império, o JORNAL DO RECIFE custa 50000 por semestre em pagamento adiantado. As pessoas de fóra que desejarem assinalá-lo, remetem pelo correio, em carta segura a importância acima, com subscripto à redacção, que regular e pontualmente receberão os números delle, a proporção que se forem publicando.

**Summario.**

INDICE DO JORNAL DO RECIFE — ROMANCES, Uma de tantas, A guarda de pedra — VARIEDADES, Horrores da pena de morte — MOSAICO — POESIAS, A minha mãe, No rio ao luar — O que vai pelo mundo — O que se passa em casa

**Uma de tantas.****Casar-se!**

Ninguém, pelo que parece, tem pensado na gravidade desta palavra.

**Casar-se!** sete letras pelores do que os sete peccados mortais. Monte-pio universal do sexo bello, levantado sobre as ruinas do sexo feio.

**Sabeis o que é casar-se?**

Sabeis donde começa o matrimonio e aonde acaba o aborrecimento?

Os prós e os contra desta cadeia; o doce e o amargo deste breve poema celestial; o seio e o bonito desse ente corcovado, revestido do mais selecto e impressionável, do mais sublime e delicioso da natureza?

**Pois vou dizer-vos.**

A vida matrimonial é como a gotta de orvalho; uma colecção de quadros mais ou menos vivos, mais ou menos vistosos, porém que no fundo possuem o mesmo claro-escuro, o mesmo estudo, e igual assumpto.

**O que viu um casado, viu um cento delles.****II**

Meu amigo Pantaleão veio do mato; é um jovem interessante; possui seis contos de réis de rendimento, enamorou-se da filha da senhora X. e cahio no laço.

**Desgraçado!** começa por se tornar inimigo capital de sua sogra.

Acostumado a vida do campo, recorda-se ainda de certas commodidades proprias dos seus antepassados.

Ela ao contrario, filha do tumulto e confusão em que nasceu, e que tem legado aos seus ternos pinpolhos, se subleva, se revolta e martyrisa, persegue e mortifica ao pobre Pantaleão.

**Vai de almoçar ao meio dia.**

— Querida mamã, o meu estomago enfraquece.

**Beberá chocolate as oito horas.**

— Senhora, na minha terra não se vive quatro horas com uma cicara de chocolate.

— Puf? quererá comer a essas horas um cárneiro?

**Minha querida mamã!...**

— Calle-se, prosaico; almoçará ao meio dia; jantará ás seis horas; deitar-se-ha ás tres da manhã; levantar-se-ha ás dez para ás oze.

— Ai mamã, mamã! Pare Vmc. com o burrinho...

— Que diz elle? burrinho! Este rapaz crê estar correndo montado em alguma besta do engenho!

— Jesus me valha! e ter eu casado minha filha com semelhante...

— Senhora... senhora... Vmc. me está fazendo ferver o sangue.

**Ai, meu Deus!****A senhora quer entregar-me.****Puf! entisca-lo!**

— E saiba tambem que já me vou desgostando dos seus pufs; de suas denguiques e al-gazarras. Eu me casei com sua filha para coiner, para dormir, e...

**Calle-se, antropophago!****Não me impaciente Vmc.****Inconsiderado...**

— Não me zangue senhora... porque entio perco a pacienta, e...

Nesta occasião entra a rapariga; ouvio o baralho, apressa-se, corre, e tras; ouve-se um ruido desgarrador, produzido pela saia do seu vestido de chamalote, enganchado n'um prego da porta.

— Oh! Jesus do Céo! diz a mai. O vestido que apenas se acabou! Veja o senhor as consequencias do que fez.

— Não é culpa minha, o tambem não preciso ver porque sinto.

**Que quer dizer com isto?**

— Nada, não senhora; sómente que sua filha me riu, um dia sim outro não, duzentos a trezentos mil réis.

Aqui os improperios; a rapariga assusta-se, sufoca-se e ameaça ao marido com uma sincope; em seu estado interessante podia ter um resultado fatal; elle a vista disto contenta-se, e tudo se acomoda oferecendo Pantaleão um vestido novo ainda mais rico, e um camarote no theatro lyrico.

**Canta-se a Sonambula.****Como cantam bem!**

Elisa está deliciosa; a senhora X. satisfeita; Pantaleão em um dos cantos do camarote.

A rapariga faz o juizo critico da opera com o Dr. G. a mai contempla sua filha, e Pantaleão mastiga uma pastilha de... chocolate.

— Oh! como é sublime aquella mulher! diz a rapariga.

— A senhora ainda é mais deliciosa, D. Elisa.

— Não diga isso, doutor. Se eu desse sómente aquelle si bemol.

**A Sr. dá muito melhor o si sustinido.****De veras?****Ah!****Mamã, me parece que Elisa se distrae.**

— Está bom, já começa com as suas sandices.

**Digo-lhe q. e...**

A Sonambula vai passar o moitinho; as taboas estalam.

Elisa suffocada, palpante, encosta-se no braço do doutor; este a sustem com ambas as mãos.

— Meu amigo, sua senhora desmaia; veja depressa um vidro d'água de colonia. O marido sae, procura e volta... sua mulher está já tranquilla; o doutor toma-lhe o pulso, e a mai agradece ao genro a solicitude.

Ao saírem do theatro o marido ralha com a mulher; esta ensurece-se e tem tres ataques de nervos, e não fica tranquilla senão depois que Pantaleão promette que convidará o doutor para vir jantar um dia com elles.

Pantaleão é feliz; cada dia fica mais delgado, delgadissimo; já tem credores; morreu-lhe douos filhos; sua mulher engorda; a sogra renova de seis em seis meses os moveis de casa; e dia sim dia não bem diz o pobre homem as delicias da vida conjugal.

Cheio de desgostos e dividas, começou por gozar as doçuras de uma hora e acaba por apurar as amarguras de um dia eterno, interminavel.

**Infeliz Pantaleão.**

Isto é casar-se; isto é ser feliz; isto é o que chamamos essencia das essencias, delicias das delicias, felicidade das felicidades!

**Não vos caseis!**

Pobre de mim! estou louco; minha mente se extravia, sou a presa de uma vertigem infernal; prego doutrinas que não sei explicar, e maximas que não sei cumprir.

**Fu fallando mal do casamento!****Fu profanando o santo laço do hymeneu!****Fu advogando o solterismo!****E comprando um bala para minha mulher!****A guarda de pedra.****CRENCAS POPULARES.**

(Por L. N. F. Varella.)

Eu tinha chegado a Santos no vapor Josephina, essa pobre Josephina que já cansada de sua misera existencia, e alquebrada pelos fardos immensos que de continuo supportava, disse adeus á luz do sol, e foi dormir nos palacios de coral junto ás ossadas do Leviathan e do Mastodonte, arrebatando consigo grande numero de exemplares das primeiras obras de um jovem poeta muito meu conhecido. Estavamo no mez de Novembro; o calor era insupportavel, os mosquitos nos perseguiam atrozmente, a mim e mais douos campanheiros que me olvidei de mencionar, como s' fossemos outros tantos Pharaós, e o resto desse enjôo tão amaldiçoadão por D. Juan nos torturava o estomago horrivelmente. Tinhamo-nos hospedado no Hotel D. onde passamos um dia inteiro a apreciar o novo Batel que repre-

sentava um Inglês discutindo com dous Franceses e tres Alemães; as monotonas tocadas de um bilhar sempre ocupado, e o aroma gastronomico dos camarões e lagostas que não estava muito em harmonia nesses momentos com o estado despirado de luxos doentes.

A tarde meus bons amigos vestiram-se cuidadosamente, accendendo os indiços, saveis charutos, cada um tomou para si um. Eu porém que me sentei no meu pleonástico peguei em um sanduíche sand — As cartas de um viajante, jingo eu, e dirigindo-me para a praia aluguei uma canga e ordenei que me conduzissem à Bertioga, onde tinha um pescador meu conhecido, homem de oitenta annos, agradável ao ultimo ponto, e excellente narrador de legendas.

Era já bastante tarde quando cheguei. Saltei a praia e dirigi-me à casa de meu velho amigo; batti, o octogenário recebeu-me com vivas demonstrações de alegria e puxando um escabelo fez-me sentar.

O calor era intenso, mas entretanto um grande fogo de ramos seccos ardia no meio da cabana, e alumia, com seus clarões, vermelhos e tremulos, as denegridas paredes donde pendiam arpões de ferro; redes de finas malhas, e mais outros arranjos que só empregavam nas pescarias.

Como estava innundado de suor lancei na minha sobrecasca e chapéu a um lado e desapertei a gravata, e depois de haver conversado algum tempo com o pescador, sobre cousas geraes, pedi-lhe que me contasse alguma historia desses lugares. Por alguns minutos concentrou-se o ancião como para falar o livro das recordações de sua longa vida, depois disse-me:

— Vou vos contar uma triste historia sucedida bem perto de nós, na fortaleza da Bertioga. Eu era muito pequenino quando ouvi o barulho que produziu este acontecimento, ouvi-me.

E unindo os tições da fogueira, deu começo à narração. Eis pouco mais ou menos o que me contou elle.

Havia ha muitos annos, no fim da muralha principal que protege a fortificação de S. João da Bertioga, uma guarida feita de uma só pedra, onde nas noites de chuva e tempestade se abrigavam os soldados que faziam sentinelha. Tinha essa guarida duas junellinhas gradeadas de ferro, em forma de cruz, que davam ambas para o mar, e no chão bem no fundo, uma especie de respiradouro ou buraco que servia para deixar afiar as agoas que por ventura invadissem. Por baixo levantavam-se grandes e escarpados rochedos onde as vagas se arrojavam, soltando continuados borbotões de fervente escuma, e desprendendo lamentosos rugidos.

No tempo em que o tenente R. era commandante da fortaleza, os habitantes das imediações fallavam de visões e espectros medonhos que, justamente quando o bronzeo relógio acabava de soar a ultima pancada de meia noite, apareciam junto à guarida de pedra horrorizando e assombrando tudo. Os soldados tinham-se tornado escravos de um terror sem limites; pediam de continuo ao commandante que tivesse compaixão delles, que os poupassse ás scenas diabólicas que soiam acontecer todas as noites, que mandasse emfim bens por um padre aquela guarida maldita; porém elle sorria-se desdenhosamente, chamava-os de medrosos e covardes, e os obrigava a tornar seu posto.

Uma noite distribuindo as sentinelas mandou para a guarida de pedra o soldado André. O pobre homem lançou-se aos pés de seu superior, pediu em nome de quantos Santos

existem que o dispensasse por aquella vez; porém sevoro e inflexivel, o commandante disse-lhe duras palavras, fez-lhe rispidas ameaças e o miserável soldado não teve remedio senão resignar-se e ir para o posto tremendo, onde lhe era dever velar até que outro fosse substituir. Quando tinha decorrido o tempo marcado para a vigia de André, e um seu camarada viuha tomar-lhe o lugar, encontrou-o este de bruços, lívido e sem sentidos, a espingarda e o capote lançados a um lado. Recolheram-no à enfermaria e no outro dia elle principiou a contar aos companheiros a visão que tivera durante a noite.

O commandante entrava nesse momento.

— Então, André, como vaes? perguntou elle.

— Melhor um pouco melhor, meu commandante, respondeu o soldado; o susto quasi me matou.

— Que historia de susto estás ahi a dizer?

— Meu commandante eu vi, eu...

— Então o que foi que viste? conta-me isso deve ser divertido, disse R. com voz motejadora.

O soldado olhou algum tempo fixamente para o commandante e callou-se.

— Porém tu não dizes o que viste? perguntou este.

— Se eu contar não o acreditareis, pensareis que é uma mentira, ou que foi o medo que me enganou, entretanto ahi está Guilherme que também viu.

— É verdade, disse um soldado corpulento adiantando-se, foi no sabbado quando eu estava de sentinelha, por signal que quando Francisco me veio substituir eu estava tremulo e branco como um defunto.

— É verdade atestou Francisco sahido tambem de seu canto.

Emfim a guarda toda tinha por experiencia propria conhecimento da apparição das almas do outro mundo na fortaleza, excepto o velho Gustavo e o pequeno Joaquim que só o sabiam por ouvir falar.

— Bem, disse o commandante, silêncio; agora tu André conta-me minuciosamente o que viste.

O soldado levantou-se um pouco sobre o cotovelo, passou a mão pela testa, e fallou desta maneira:

— Eu estava encostado à guarida com minha espingarda ao lado e assobiava para desfahir-me do medo que se tinha apoderado de mim. Sem uma estrella acordada, o céo era negro como uma furna, o vento corria desesperado, e o mar empolado batia com tal furia sobre as pedras que até fazia a escuma entrar pelas janelinhas da guarida. De repente o relógio principiou a tocar; contei até onze pancadas, quando chegou as doze, ouvi uma gargalhada tão estridente, tão medonha, que os cabellos se me arrepiaram na cabeça, e a espingarda caiu de minhas mãos tremulas; a gargalhada tinha soado perto, bem perto, a quatro passos de mim!... Nossa Senhora mesmo parece-me, que ainda a tenho nos ouvidos!...

André interrompeu-se, os camaradas benziram-se, o commandante disse com interesse:

— Continua meu rapaz, continua.

O soldado prosseguiu nestes termos:

— Inda bem a gargalhada não tinha acabado de soar, que eu escutei o som lugubre e funerario de uma sineta, era toque lento e compassado como o que annuncia um enterro. O suor corria-me em bagas pela testa, meus dentes rangiam com força e minhas pernas tremiam como varas verdes. Voltei o rosto para o lado.... Oh meu Deus! era horrivel o que eu vi!...

Então callas-te!... gritou o commandante já um pouco impressionado.

— Eu vi, continuou André lentamente, vi uma figura sombria e medonha: era um frade; o capuz cobria-lhe a cabeça, e lá dentro, á luz amarelenta de um cirio que trazia na mão, divisou um rosto lívido e esverdeado como o de um cadáver, e dous olhos que ardentes e inflamados me faziam correr calafrios nas ás. Atraz delle vinham quatro vultos mais alvos do que a neve, e seguravam com uma mão um arboreto fumarento, em quanto a outra sustinha um caixão mortuário. Elles caminhavam lentos que parecia gastar uma hora para mover um pé; e cantavam com voz tumular e cavernosa a encomendação dos desfuntos. Um vento gelado e furioso corria por todos os lados, as aves da morte piavam desoladamente, as ondas exalavam soluços frenéticos, batendo-se umas contra as outras. Entre tanto a diabolica procissão caminhava sempre. O frade que ia na frente estava ja perto, e estendia seu braço de esqueleto para me agarrar.

— Valha-me Nossa Senhora! gritei eu, então tudo sumiu-se, frade, espectros, caixão mortuário, e eu caí sem sentidos no chão!

Os soldados estavam pasmos e horrorizados, o commandante pensava.

— Entretanto eu não sonhava, nem estou agora mentindo, disse André, vi com estes dous olhos que a terra é de comer, e.....

— Qual viste! qual viste!... não viste cousa alguma, gritou uma voz fóra da porta e um soldado corpulento e trigueiro entrou arrebatadamente.

— Perdão, meu commandante, perdão, disse elle surpreendido deparando com seu superior.

— Vem cá, disse este, então tu não crês no que contei teu companheiro?

— Eu não, senhor, respondeu o soldado, essas cousas só aparecem aos medrosos e covardes e eu nada tenho disso.

— Então eu sou medroso, sou covarde, Jorge? disse André, olhando fixamente para o rosto bronzeado de um seu camarada.

— Tu? tu és mais poltrão do que uma gallinha.

— Pois olha, retorquiu André, se estivesse no meu lugar, talvez te custasse mais caro.

— Ah! ah! ah! gargalhou Jorge; para te mostrar que tudo isso não passa de asneiras, e voltou-se para o commandante, eu peço licença meu commandante, para ficar hoje de sentinelha na guarida de pedra.

Os soldados olharam todos espantados para Jorge, julgavam impossivel que depois da narração de André, alguém se lembrasse mal disso. Sabiam, é verdade, que o soldado era valente e destemido, que seu corpo estava coberto de cicatrizes, que nunca recuara ante o numero dos inimigos fosse elle qual fosse, porém achavam temeridade, loucura, o tentar elle combater com espíritos.

A licença foi concedida. Quando chegou a hora Jorge escurvou a espingarda, carregou duas pistolas, e foi-se postar cantarolando na guarida. Seus companheiros viram no preparar-se espantados de tanto sangue frio, e só com uma especie de terror que o viram desculposamente meter-se no seu abrigo de pedra, à espera des tremendos inimigos. Depois retiraram-sé todos e puzeram-se a conversar junto do fogo, com o ouvido alerta.

A noite era negra e tempestuosa, os ventos rugiam pela floresta, lugubres e desenfreados como os sombrios demônios do Ramayana, as ondas ressententes de ardentes agitavam-se com espantosos rugidos como se desfendessem o mysterioso tesouro dos Nibelungen,

o trovão retumbava pelo espaço como o ronco de uma população de Titãs adormecidos.

Quando o relogio principiou a soar lenta e lugubremente as badaladas de meia noite Jorge apromtou suas armas, e pôz-se á espera do que viesse.

Quando porém a decima segunda pancada acabou de soar o soldado sentio uma ventania tremenda, devastadora como o simoun Asiatico, que parecia derribar tudo em sua passagem, e o sobre longiquo da sineta dos mortos acompanhada de uma psalmodia chegou a seus ouvidos. O valente soldado estremeceu um pouco, mas rehavendo depois todo o sangue frio rio se comigo mesmo e murmurou : E' o vento, é a tempestade que ruge. Entretanto o toque aproximava-se cada vez mais, e o cõro medonhamente solemne resturgia abafando o bramido das vagas.

Dir-se-hia que tenho medo ? fallou Jorge, porém não, é preciso ver ; o deu um passo fóra da guarida.

Lá vinha o medonho frade na frente, com sua face esverdeada e sinistra, seu olhar de Satan debaixo do capuz ; atraç delle á luz macilenta dos cirios, seguia-se o caixão conduzido pelos quatro espectros alvos como a neve. Jorge sentio os cabellos se arripiarem e o frio do terror correr-lhe pelo corpo, porque estranha procissão aproximava-se mais e mais, e vinha em sua direcção. Avançou mais um passo e gritou com a voz alterada preparando a espingarda :

— Parai ah !... senão faço fogo ! Os fantasmas porém caminhavam sempre, e já estavam a poucos passos. Então Jorge levou a espingarda ao rosto e fez fogo.

Nesse momento um vento glacial e empesgado passou lhe pela fronte e tomou-lhe a respiração ; o soldado cahio como se sentisse o peito despedaçar-se debaixo de garras de bronze.

Os companheiros ouviram o tiro e benzeram-se, mas possuidos pelo terror não ousaram ir ver o que era.

No outro dia a guarda estava deserta. Pelas janellinhas via-se fragmentos de roupa ensanguentada e pedaços de carne humana, agarrados ás grades de ferro. A' entrada no chão estava um capote militar ensopado de sangue escuro e coalhado pelos frios da noite, e uma espingarda a poucos passos com o cano quebrado e torcido como se fosse de cera !

Não foi possível achar-se os restos do misero soldado ; uma mão terrível e mysteriosa cobria de sombras todo este drama de horrores e de sangue.

Algum tempo depois benzeram a guarida, novos soldados vieram a fortaleza e de Jorge e seu fim tragicó só ficou a tradição. \*

Aqui o ancião acabou a sua narração e calhou-se, eu puz-me a meditar.

No outro dia pela madrugada despedi-me do pescador. A aurora era bella e suave, um bando de alvos passaros rastejava o mar quedo com as azas levianas, uma brisa matinal carregada de esluviões marinheiros battia-me pelo rosto. Entrei na cama e parti.

Chegando contei a meus amigos a triste legenda do soldado, e entre uma círcara de café e a prosa escrevia-a como ali está.

(CORREIO PAULISTANO.)

### Morros da pena de morte.

Um certo J. White foi condenado à morte nos Estados Unidos por crime de assassinato, e devia ser executado a 15 de Agosto ultimo em Salem (Illinois). Na prisão em que elle

estava havia uma corrente da extensão de tres pés, e solidamente fixada no chão. Servia para alli se prenderem os reclusos. Por esforços sobrehumanos conseguiu elle arranca-la, enrelando-a em volta de um grande anel que lhe tinha uma das extremidades, e fazendo desta maneira uma especie de massa. Assim armado, collocou se atraç da porta, e declarou, debaixo dos mais horríveis juramentos, aquelles que iam busca-lo para o conduzir ao supplicio, que nenhum entraria, ali vivo. Passado um momento de hesitação, produzida por esta ameaça, o sheriff Blacka acompanhado de quatro homens resolutos, tentou penetrar na prisão, mas foi recebido com um golpe terrivel ; que elle conseguiu evitar felizmente, mas que ainda lhe fez um ferimento ligeiro na mão.

Alguem propôz que se lançasse ammoniaco ao rosto do condenado, afim de produzir uma suffocação momentânea, que se aproveitaria para se entrar e manietar o preso. Tentou se este meio, mas não produziu resultado. O preso recuou primeiro pela accão do liquido ; mas, re-tabelecendo-se promptamente, voltou a tomar o seu lugar atraç da porta, sempre armado do formidavel engenho, e parecia o diabo encarnado. Aconselharam então ao sheriff que lhe dispara-se um tiro de pistola ; o magistrado respondeu que não empregaria este meio senão depois de exauridos todos os outros. E se se fizesse uso do chloroformio ? disse um dos circumstantes. A ideia parecia boa. Buscaram-se duas garrafas deste liquido, que foi espalhado na prisão de maneira que impregnasse completamente a atmosphera com os seus vapores, enquanto fôra se suspendiam as correias das janellas engradadas e se tapavam todas as aberturas por onde podesse entrar o ar.

O condenado de principio riu-se desta nova tentativa. Era evidente que aquelle homem, na sua criminosa carreira, tinha tido occasião de se familiarizar com o uso e effeitos do chloroformio. Moscou os officiaes da polícia por empregarem um meio tão fraco e insignificante.

Para se preservar da accão daquelles vapores, envolveu o rosto em uma cobertura e, aproximando-se de tempos a tempos de uma das janellas, afastava o panno, e dava passagem ao ar exterior, de maneira que lhe alcançasse os orgaos respiratorios.

Mais de uma hora se passou nesta luta sem resultado, e já se tratava de recorrer a medida mais energicas quando o condenado, sentindo-se perder a coragem e as forças, pediu para capitular. Consentio em dar a sua arma e a entregar-se livremente aos executores, com a condição que lhe serviriam um bom jantar, acompanhado de um copo de whisky, e que o deixariam viver até a 1 hora da tarde. Sendo aceita esta proposta, White fez passar a sua massa pelas grades da porta ; foram-lhe depois servidos o jantar e o corpo de whisky, e á 1 hora da tarde o sheriff entrou na prisão. White dirigio-se para o magistrado, e declarou que estava pronto a seguir-l-o. Deixou prender as mãos atrás das costas, e desceu as escadas da prisão com passo firme e resoluto, para se encaminhar ao lugar do supplicio.

Depois de uma curta oração junto do patibulo, subio os degraus com a mesma firmeza apparente. Mas na plataforma devia ter lugar a ultima scena. Quando lhe quizeram, segundo o costume, lançar o fatal barrete branco, repellio-o com violencia, e lutou por espaço de uma hora contra os executores, mordendo-lhes nos dedos, ora saltando, ora lançando-se por terra, e, ainda que ligado,

mostrava tanto furor e desesperação que por um instante se duvidou da possibilidade de doma-lo. Finalmente lançou-se-lhe o barreto, sendo fortemente preso. Só faltava passar-lhe a corda ao pescoço, e ajustar bem o nó corredizo. Esta operação, que exigio os esforços reunidos de quatro homens, conseguiu-se com dificuldade. Tendo o sheriff murchido no nó, para o collocar melhor pela parte de baixo da orelha, o paciente exclamou com uma imprecacão terrivel : — Para que me suffocais ? Fazeis-lo, porque eu não posso falar. — Foram estas as suas ultimas palavras. A um signal do sheriff o laço correu, e o corpo do infeliz balançou no ar, nas ultimas convulsões da agonía.

### Mosaico.

— Achando-se um navio em grande perigo, durante uma furiosa tempestade, promettia um marinheiro a Senhora da Bonança que, se o levasse a salvamento, lhe ofereceria um cirio da grossura do mastro grande do navio. O Iro que lhe observou a impossibilidade de cumprir um tal voto. « Cala a boca, tolo, » respondeu elle, isto é enquanto dura o perigo, porque me apanhando em terra não lhe dou nem da grossura do meu dedo minhinho. »

— Pouco depois da restauração atravessava Luiz XVIII as ruas de S. Diniz á volta de um passeio, e por toda a populaçā fazia resoar os gritos de « viva o rei ». Um individuo saiu de uma casa, trazendo ainda na mão umas salchichas que estava enchiendo, e com voz de trovão começo a gritar « viva o porco cevado, viva o porco cevado ». Isto causou alguma agitação, e o homem foi logo preso. No dia seguinte o ministro da justiça veio dizer ao rei que em virtude de requisição do procurador geral da corda, aquelle individuo ia ser levado perante os tribunaes pelo crime de injuria e offensa contra a pessoa de S. M. « Pois que ! respondeu Luiz XVIII, e vós não me trazeis já para assignar o decreto de dimissão de um magistrado tão estupido, que penou e fez publicar que o grito de viva o porco cevado, soltado ao acaso quando eu passava, podia ser applicado á minha pessoa ? »

### A minha mãe.

#### MELANCHOLIA.

É funda a minha dor ; o mundo varia  
Não a pôde sondar, nem entender...  
Corbo-me bem, ó anjo, co'o sudario  
As feridas do peito se eu morrer.

FRANKLIN DORIA.

Meu Deus ! si na vereda da existencia  
Heli de pisar espinhos e não flores,  
E caminhar co'os pés ensanguentados  
Tragando o pão das dôres ;

Si não hei de beber nectar um dia,  
E na fronte enramar verde laurel,  
Si não hei de esgotar — cantando — a taça  
Do mais doce hydromel ;

Antes a noite do sepulcro venha  
Derramar sobre mim os seus negros :  
Na fronte me refleja o sol dos mortos  
Phantasticos fulgores !